



Semiologia Saussuriana: Métodos de Aplicação no Caderno 2 do Jornal O Estado de São Paulo¹

Helena Silva Ometto²
Jean Cristtus Portela³

Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho, Bauru, SP

RESUMO

O ensino do pensamento saussuriano nos cursos de Comunicação Social é uma aquisição concreta em muitas grades curriculares e deve ser analisado para se obter um panorama de sua prática didática. O estudo das teorias transmitidas em sala de aula deve estar aliado às aplicações práticas desses conceitos nos produtos midiáticos, especialmente para o curso de Jornalismo. A proposta é utilizar os conceitos saussurianos (as chamadas “dualidades”), especialmente da Semiologia segundo Roland Barthes, para analisar a linguagem jornalística nos seus aspectos verbais e não verbais. O *cópus* de análise será constituído pelo caderno cultural do jornal O Estado de São Paulo: o *Caderno 2*, para compreender semiologicamente as manifestações do jornalismo cultural impresso.

PALAVRAS-CHAVE: Semiologia; Ferdinand de Saussure; O Estado de São Paulo; jornalismo impresso; jornalismo cultural;

Introdução:

Os cursos de Comunicação Social oferecidos em diversas universidades do país têm, de uma forma ou de outra, integrado em sua grade curricular o ensino de Linguística e Semiologia, seja nas disciplinas de Língua Portuguesa, seja nas de Teoria da Comunicação ou Semiótica. O conteúdo lecionado não é padronizado e cada instituição produz suas ementas de acordo com o foco priorizado na graduação ou pós-graduação. No entanto, todas as ementas apresentam um ponto de convergência (o pensamento saussuriano) que se reflete nos produtos finais.

Tendo em vista essa diversidade de abordagens didáticas sobre a Linguística e a Semiologia direcionadas aos universitários, este artigo pretende traçar um panorama da questão e suas influências e possíveis aplicações na Comunicação Social enquanto prática social. Para se ter uma ideia, basta lembrar que o pensamento de Saussure é uma

¹ Trabalho apresentado no IJ 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação¹ do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

² Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Jornalismo da FAAC-UNESP, email: lena_ometto@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da FAAC-UNESP, email: jeanportela@uol.com.br



aquisição real no campo das Ciências Humanas e suas implicações originaram obras inteiras não só nas disciplinas ligadas diretamente à língua e linguagem, como também no campo da Antropologia, Filosofia e Psicologia.

O foco deste artigo, especificamente, estará na área de Jornalismo, por meio de aplicações práticas das concepções saussurianas, de modo a identificar percursos e métodos de aplicação. A confluência dos campos da Linguística e da Semiologia ou Semiótica Geral em relação ao campo da Comunicação Social, especificamente a produção jornalística, é o que se espera obter. Para tanto é necessário descrever a gênese dos conceitos saussurianos, sobretudo das principais dualidades propostas e analisadas, percorrer as obras didáticas que abordam a Linguística e a Semiologia saussurianas e, por fim, produzir uma síntese das habilidades práticas e conhecimentos teóricos que estão presentes na prática profissional do Jornalismo.

Quando analisamos a formação teórica do corpo discente devemos considerar a sua capacidade de avaliar a extensão dos conceitos e desconstruí-los. O professor Manoel Luiz Gonçalves Corrêa, que lecionou Linguística aos alunos de Comunicação Social da FAAC/Unesp nos 1990 e transformou sua experiência didática em um manual, estava convencido disso. Para Corrêa (2002), ao introduzir o aluno ao pensamento saussuriano, deve-se provocar a dúvida em relação às concepções de Saussure, de modo que, ele reconstrua o percurso saussuriano, mas também saiba criticá-lo.

Esse método didático deve ser considerado, já que o objetivo final é analisar como o profissional aplica os ensinamentos semiológicos da academia na produção prática para o mercado.

Identificar e estabelecer as dualidades saussurianas é o ponto de partida para realizar esse artigo. O critério de recorrência nas obras estudadas e apresentadas por Saussure deve ser considerado para definir as dualidades a serem estudadas e aplicadas:; língua/fala; significado/significante; paradigmático/sintagmático; sincrônico/diacrônico. Como hipótese inicial, seriam essas as dualidades essenciais dessa pesquisa.

O trabalho sobre textos concretos coordenado a uma reflexão teórica imaginativa tem certamente seus efeitos na transmissão do conhecimento. Empreender essa aplicação prática do legado linguístico e semiológico de Saussure no caderno cultural de O Estado de São Paulo (Caderno 2) será a forma de aproximar Semiologia e Jornalismo, teoria e prática.



O artigo está enquadrado na Área Temática 8 do Intercom Junior (IJ8) – Estudos Interdisciplinares da Comunicação pois apresenta uma análise do ponto de vista semiológico da elaboração e concepção de um caderno semanal especializado inserido em um jornal impresso e explorando a semiologia. O estudo da vertente jornalística semiológica dos moldes de recepção e transmissão do conteúdo conferem ao artigo essa dimensão e esse enquadramento.

1. O ensino saussuriano em cursos de Jornalismo

O ensino da Semiologia e Linguística nos cursos de Jornalismo é relevante para determinar a aplicação desses conceitos na prática do mercado e exige uma análise das ementas para saber quais conceitos estão sendo transmitidos aos graduandos. Por meio de uma metodologia descritiva e avaliativa é possível conhecer a formação desse profissional e desenvolver uma técnica de aplicação aos produtos de mídia. Com isso torna-se possível apresentar a prática do legado saussuriano e a relevância do seu ensino em um curso superior de Humanidades, em especial em um curso de Comunicação Social.

Avaliar as ementas de todos os cursos de Jornalismo do país é uma tarefa impossível, portanto a base desse parâmetro serão as universidades públicas do estado de São Paulo, considerando também a inserção do corpus de análise deste artigo no contexto cultural e de produção do estado de São Paulo.

A Linguística é o princípio básico de relação social por ser base da comunicação entre os indivíduos e desempenha um papel fundamental na compreensão da realidade, sendo indispensável uma sólida formação e domínio ao profissional de Comunicação Social, especialmente em Jornalismo. A missão de levar informação deve se subsidiar nos conceitos lingüísticos para proporcionar uma interpretação correta e objetiva da realidade a partir da visão do jornalista.

Ao desenvolver e escrever matérias jornalísticas, em qualquer área de atuação, o profissional lida com uma variedade de situações e vertentes e precisa estar consciente da melhor maneira de utilizar recursos específicos para a produção de sentido no conteúdo e compreensão do receptor.

A partir da esquematização do sistema de comunicação entre um emissor e um receptor, Saussure separou os elementos psíquicos dos elementos físicos e fisiológicos. A linguística só trata dos elementos psíquicos quando deixa de lado o ato individual da fala e se concentra no fato social



"todos os indivíduos reproduzirão não exata, mas aproximadamente os mesmos signos unidos aos mesmos conceitos" SAUSSURE, p.40

A Linguística pioneira empreendida por Saussure tem ampla aplicação na concepção de conteúdos jornalísticos diante das dualidades concebidas em seus estudos, sendo as quatro fundamentais: diacronia x sincronia; paradigma x sintagma; língua x fala; significado x significante, sendo essas as maiores contribuições para a área de língua e comunicação e às quais as análises empreendidas nesse artigo se limitam.

A chave para o desenvolvimento de técnicas de aplicação desses conceitos na prática jornalística tem início ainda na graduação e formação acadêmica de futuros profissionais da comunicação. Para isso, a coordenação dos cursos de graduação devem estar cientes da relevância desse conteúdo.

1.1 A semiologia enquanto método de análise de mídia

A semiótica francesa apresenta uma característica particular: seus objetos de estudo são limitados ao texto e ao discurso, definidos como aquilo que apresenta uma totalidade de sentido que a semiologia busca explicar do ponto de vista do enunciado, que pode aparecer em forma de texto ou de discurso, ou ainda do ponto de vista da enunciação enquanto força que atua na organização e na produção dos textos e discursos.

A aplicação da semiologia permite identificar não somente o que o texto diz, mas também como diz e o que diz, possibilitando uma compreensão lógica e sistemática dos fenômenos textuais e discursivos. A identificação dos preceitos da semiologia saussuriana em textos jornalísticos veiculados em mídias convencionais possibilita um panorama de níveis de organização de um objeto de significação. É nessa argumentação que jornalistas devem se apoiar ao conceber conteúdos jornalísticos, seja em "hard-news", em que as informações devem ser veiculadas instantaneamente, ou mesmo em reportagens mais frias, que devem apresentar informações mais completas e desenvolvimento mais amplo de conteúdo, permitindo melhor construção e análise textual.

Enquanto método de análise de mídia, o princípio utilizado nesse artigo é a enunciação, fundamentada nos conceitos de embreagem e debreagem, que define a



ação, o espaço e o tempo da relação entre o sujeito da enunciação e o sujeito do enunciado.

A debreagem nos dá a sensação de imparcialidade, de verdade absoluta, apesar de marcado pelo ponto de vista do enunciador, por meio da debreagem do sujeito.

1.1.1. Debreamagem

“A debreamagem consiste, pois, num primeiro momento em disjuntar do sujeito, do espaço e do tempo da enunciação e em projetar no enunciado um não-eu, um não-aqui e um não-agora” (FIORIN, 2002, P. 46)

O processo de debreamagem consiste em construir o simulacro da realidade em forma de texto, já que os aspectos do eu, aqui e agora da enunciação são únicos de determinado momento e irrecuperáveis. É exatamente essa a função do jornalista.

No jornalismo é mais utilizada a debreamagem enunciativa, em que se instauram os actantes, o espaço e o tempo do enunciado. São os enunciados escritos em terceira pessoa, no passado, tendo como lugar o lá, remetendo à objetividade ao excluir do texto as marcas da enunciação. Em textos de comunicação, especialmente jornalísticos, esse é um princípio fundamental. Há algumas exceções exatamente em Jornalismo Cultural, como veremos mais adiante, na concepção de colunas, ensaios e textos de crítica para as manifestações artísticas.

Nesses últimos casos é mais utilizada a debreamagem enunciativa, com marcas de primeira pessoa, em que o autor, o tempo e o espaço da enunciação estão notadamente marcados. Afinal, nesses casos é uma opinião que está sendo dada.

1.1.2 Embreamagem

Existe também o conceito da embreamagem, em que acontece um efeito de retorno à enunciação, ou seja, há uma neutralização das categorias de pessoa (embreamagem actancial), espaço (embreamagem espacial) e tempo (embreamagem temporal), assim como uma negação da instância do enunciado.

Diante da negação dessas instâncias, a embreamagem mostra-se como um desejo de alcançar a enunciação, mas ao mesmo tempo, a impossibilidade de atingi-la e culmina na produção ilusões: a ilusão referencial e a ilusão enunciativa.



2. A produção cultural de um jornal de grande circulação

O jornalismo cultural é o ramo do jornalismo especializado na divulgação, circulação e, principalmente críticas sobre os bens culturais que circulam em determinada sociedade. É ainda o veículo que faz com que essas produções cheguem ao público e se tornem, de fato, parte integrante da cultura de uma sociedade.

Para empreender essa missão, o jornalismo cultural lança mão de dois gêneros textuais: informativo e opinativo. Levando em consideração a produção cultural em um jornal de grande veiculação e de relevância nacional, a exatidão dos dois gêneros deve ser primordial.

A utilização do gênero informativo visa comunicar ao leitor leigo a programação cultural da região e as novidades da área que ainda não chegaram a seu conhecimento ou precisam obter explicações mais aprofundadas. Já o emprego do gênero opinativo pretende apresentar ao leitor a opinião crítica de um jornalista formado e especializado nos meandros de produção cultural em suas vertentes, seja uma obra ou evento cultural. Mas ao final das produções ambos se encontram e se completam.

A produção de textos culturais no formato informativo incluem respostas à questões clássicas presentes nos leads convencionais de material jornalístico: o que, quem, como, quando, onde e por quê. Pode ainda lembrar o leitor da proximidade de um evento anunciado a certo tempo. No jornalismo em meios impressos é essencial ter como gancho a data dos acontecimentos e eventos.

O uso do gênero opinativo é exclusivo do jornalismo cultural, por ser o único que possibilita ao profissional desenvolver sua opinião como uma forma de reafirmar a matéria informativa e mostrar pontos de vistas ao receptor. Para desenvolvê-lo é possível trilhar pelo comentário, crítica ou ensaio, o mais utilizado nas produções em jornalismo cultural impresso.

O ensaio parte de um assunto estritamente artístico para produzir uma reflexão mais ampla sobre a sociedade, pois abriga informação, interpretação, opinião e permite a especulação sobre os temas que aborda, justamente por se caracterizar enquanto gênero opinativo. Sua publicação é mais usual nos cadernos culturais, mesmo com um conteúdo pertencente a outras editorias.

As colunas também são usuais e recorrentes, caracterizando-se por textos curtos sobre um tema único ou vários, comumente utilizado na coluna cultural Sinopse, de



Daniel Piza no Caderno 2⁴ do Estadão. Apesar de se assemelharem a notas, esses textos curtos tendem a configurar-se como notícias ou comentários.

2.2 A semiologia no caderno cultural do Estadão

Para empreender a análise do caderno cultural do Estadão segundo as dualidades saussurianas será necessário produzir um levantamento de dados e determinar quais serão as dualidades estudadas. Para esse artigo a proposta é analisar a aparecimento da fala/língua; paradigma/sintagma e significado/significante, identificando no caderno a organização das linguagens envolvidas em sua produção

É nesse momento que as obras *Curso de Linguística Geral*, de F. de Saussure aliada à leitura das obras de Roland Barthes, a exemplo de *Elementos de Semiologia* tem sua participação com o objetivo de delinear as definições e a aplicabilidade de cada dualidade e, assim, identificá-las na produção do jornalismo cultural.

O suplemento cultural do Estado de São Paulo foi inspirado no projeto pioneiro de jornalismo cultural do Jornal do Brasil, em 1956, com o “Suplemento Dominical”, em que além de informações e críticas, também eram veiculados artigos de artistas que participavam ativamente do novo panorama que constituía a cultura e as artes daquele momento, como Ferreira Gullar e seu artigo “Teoria do Não-Objeto”. Em 1956, o Estado de São Paulo lança o “Suplemento Literário”, que seguia o formato tablóide, destacando-se do restante do jornal que seguia o formato standard, característica mantida por décadas em suplementos como o “Suplemento Cultural” (1976) e “Cultura” (1980), parecendo-se mais com uma revista do que como parte integrante de um jornal. Apenas em 1986, quando o Caderno 2 é lançado, os assuntos culturais recebem um espaço similar ao das outras editoras, mantendo-se assim até hoje, 2012.

A primeira dualidade saussuriana analisada no “Caderno 2” do Estadão é Sincronia x Diacronia, através do qual empreende-se um estudo da mudança dos signos utilizados através do eixo das sucessões históricas. Saussure utiliza a visão sincrônica para empreender uma análise da estrutura da linguagem como um sistema em funcionamento em um dado ponto do tempo. Em outras palavras, é feito um recorte de texto e analisa-se o estado da língua, os aspectos estáticos. Esse artigo apega-se

⁴ O caderno 2 do Estadão foi lançado em 6 de abril de 1986, com 16 páginas e uma tiragem de 576 mil exemplares. Para marcar o lançamento do caderno, o diretor de redação do Estado de São Paulo na época, Julio Cesar Ferreira de Mesquita, anunciou: “Que se espere do Caderno 2 tudo o que pode prometer um jornalismo atualizado, descontraído e revolucionário para a cobertura dos assuntos de artes, cultura, lazer e comportamento”. A equipe inicial contava com 36 editores repórteres, redatores e desenhistas em São Paulo e mais de 50 colaboradores no Brasil e no exterior.



exatamente a esse conceito sincrônico, uma vez que dedica-se à análise do Cardeno 2 delimitado às edições de abril de 2012, somente.

Em relação à diacronia aplicada ao caderno cultural, é necessário avaliar as modificações e evoluções da linguagem utilizada nas produções culturais desde o lançamento do caderno, em 1986 até a data presente. Empreender a descrição da linguagem jornalística cultural ao longo da história do suplemento, avaliando as relações entre os termos que foram sucessivamente substituídos ao longo do tempo e a evolução da língua.

Na sequência, a dualidade língua x fala é colocada em análise. A língua é um sistema de valores que se opõem a outros de mesma configuração e está depositado como produto social na mente de cada falante de uma comunidade, ela é homogênea e, por isso, é um objeto da lingüística propriamente dito. Já a fala é um ato individual e está sujeito a fatores externos, possivelmente não lingüístico e não passíveis de análise. Nas páginas do Caderno 2 podemos notar a técnica de redação utilizada pelos jornalistas que leva em consideração o público-alvo a quem o jornal e o suplemento em si se destinam, mas considerando também o tema abordado.

Para se tratar de cultura há a utilização da língua enquanto um conjunto sistêmico de signos, um sistema de valores, uma construção coletiva, sendo primordial em todo e qualquer jornalismo. Enquanto a fala se configura como uma propriedade individual, podendo ser empregada na redação de colunas e críticas que tem a exata função de explicitar pensamentos individuais do profissional que a assina. Saussure confere apenas à língua o objeto de estudo da lingüística.

A dicotomia entre Significado e Significante está empregada na produção cultural referida. A configuração de um signo lingüístico é uma combinação entre o significado e o significante, em que o primeiro relaciona-se ao conceito residente no plano do conteúdo, ou seja, o objeto ao qual nos referimos, e o segundo configura-se como uma imagem acústica do significado, inserida no plano da forma. Na elaboração do jornalismo cultural a seleção de significantes resulta na compreensão do receptor sobre como ela irá compreender os eventos culturais e as manifestações artísticas que se sucedem em determinada época. O jornalista precisa estar atento para designar significantes.

O significado é mutável com a passagem dos anos, mas essa incorporação é natural aos receptores e redatores, assim como novos significados podem surgir com a



necessidade de criação de novos signos, como, por exemplo, o lançamento de artistas e manifestações culturais que se desenvolvem via web.

Por fim, a relação Sintagma x Paradigma define as dualidades saussurianas empreendidas no Caderno 2 do Estadão. A linguagem é uma rede de relações e o sintagma é definido por Saussure como uma combinação de formas mínimas, ou seja, de signos, se originando a partir da linearidade do signo, excluindo a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo. O signo é aquilo que os outros signos não são e os significantes só adquirem o valor de seus significados no momento em que se deparam com significados opostos. Para fazer uma análise sintagmática é necessário fazer um recorte de significantes no contexto em que se insere.

Já o paradigma parte do princípio das associações entre essas unidades, é uma espécie de “banco de memória” da língua proporcionando a combinação entre significantes que relacionados façam sentido mesmo fora de um contexto. É o uso de diferentes signos para serem utilizados em momentos ideais, particulares.

3. Técnicas de aplicabilidade da Semiologia no Caderno 2

Para realizar a aplicação dos conceitos das dualidades representativas da semiologia saussuriana no “Caderno 2” o Estadão, enquanto jornalismo cultural, foi necessário tomar os exemplares em mãos e identificar nos textos e nas páginas as evidências de aplicação.

Tomemos como exemplo a crítica de Luiz Zanin Oricchio veiculada na página D7, na edição do Caderno 2 de 05 de abril de 2012. Para o desenvolvimento dessa crítica, o autor se utilizou da debragem enunciativa, com marcas de opinião pessoal e uma definição específica do tempo e espaço nos quais o texto foi produzido.

É possível identificar que Oricchio destina uma classificação de análise ao filme, no caso avaliado como bom, além de demonstrar sua opinião logo no título da crítica (“Filme propõe um olhar amoroso mas não idealizado”).

Em relação às dualidades saussurianas podemos identificar inicial e fundamentalmente a presença de uma língua que precisa ser compreendida por todos os leitores aos quais se destina a publicação, no caso paulistanos e brasileiros em geral. A língua portuguesa é o produto social desses falantes da mesma comunidade. Já a fala é empreendida na redação de um texto crítico, em que se desenvolve a opinião pessoal de

*
Crítica: *Luiz Zanin Oricchio*

*** BOM

Filme propõe um olhar amoroso mas não idealizado

Cao Hamburger pensou a saga da criação do Parque Nacional do Xingu da maneira como foi – resultado de idealismo e do sentimento de aventura. Qualidades, aliás, que se foram erodindo com o tempo até caírem de moda, pelo menos no plano prático. Nos discursos vazios, continuam sendo palavras nobres.

Os irmãos eram de fato aventureiros, mas nada preocupados em amealhar riquezas. Era o aspecto humano que os tentava. No caso, a sobrevivência dos índios no interior de um país que já começava a fechar-lhes o cerco. Sua missão era basicamente humanística, no que essa qualidade tem de mais nobre: respeitar e preservar culturas alheias. Mesmo que seja à força: numa das cenas, uma família é arrancada da sua terra, sob ameaça de arma, e embarcada rumo ao Xingu. Se permanecesse onde queria, seria dizimada.

É bom também que os Villas Bôas não sejam apresentados como seres perfeitos. Cada um deles é visto em suas contradições. Leonardo (Caio Blat) com sua fraqueza e o envolvimento com uma índia; Cláudio (João Miguel) com suas incertezas, o que faz dele o personagem mais complexo, muito por mérito do ator; Orlando (Felipe Camargo), com seu senso prático obstinado. Há conflitos entre os irmãos. Leonardo é alijado do grupo. Cláudio acusa Orlando de excessiva flexibilidade política; este lhe responde que, sem negociar, nada conseguiriam. É verdade. Tanto assim que obtém a assinatura do decreto que cria o Parque Nacional do Xingu do mais improvável dos personagens, Jânio Quadros, em sua breve e desastrosa presidência.

E há os índios, seu meio ambiente, seu modo de ser, que se tornam, de fato, os personagens maiores deste filme amoroso, mas nada piégas e nem cultor do mito do bom selvagem. A natureza é tanto sedutora quanto hostil. As relações humanas, tão fraternas quanto ásperas em algumas passagens. E, do todo, fica a sensação desolada de que, no encontro entre duas culturas, sendo uma muito mais predatória que a outra, uma delas tende a sucumbir. *Xingu* descreve esse ato heroico de preservação, sempre precário, sempre provisório, felizmente contra a lógica do mais forte. Essa disposição de lutar contra as evidências é o grande legado dos Villas Bôas.



Desafio. No encontro entre duas culturas, a coragem era fundamental

um único autor. Ele expõe sua “fala” baseado na língua, mas em um ato individual, tanto que os leitores do Caderno 2 podem ou não concordar com esse posicionamento.

Em um segundo momento é possível empreender uma visão sincrônica da utilização de signos diretamente relacionados à época em que estamos inseridos, no ano 2010 em território brasileiro. Tanto que o autor jaz julgamentos, como o do governo de Jânio Quadros que só poderiam ser realizados diante de um distanciamento com época ocorrida e sem resguardar as características da época, ou seja, utilizando os parâmetros atuais.

Porém, é possível identificar nos textos desenvolvidos para jornalismo cultural o uso de determinados termos menos usuais nos modelos atuais de texto jornalístico. Isso se deve ao fato de ser uma editoria tradicionalmente clássica, em que se permite e, por vezes, até se prefere o emprego de termos mais retóricos que configuram maior credibilidade. A crítica se desenvolve de maneira tradicional, de acordo com os padrões dessa modalidade de texto e utilizando uma linguagem mais culta, porém, plenamente inserida na nossa realidade atual, tanto que o leitor pode tecer ligações com o panorama contemporâneo da cultura, considerando também a contemporaneidade do filme.

Falando diacronicamente, podemos tomar como exemplo o momento em que Oricchio cita “... resultado de idealismo e do



sentimento de aventura. Qualidades, aliás, que se foram erodindo com o tempo até caírem de moda, pelo menos no plano prático.”. Nesse momento ele considera uma evolução da língua e da sociedade, colocando em evidência a queda e substituição de termos ao longo do tempo.

A terceira dicotomia aplicada ao caderno 2 e a essa crítica, especificamente, diz respeito ao significado e significante. O autor do texto deve se manter atento à compreensão dos significantes colocados em seu texto. Em jornalismo cultural, uma opinião direcionada a um evento ou artista pode influenciar na concepção pública dessa qualidade, sendo primordial utilizar os significantes mais precisos para designar os significados desejados. Quando o autor emprega o termo “aspecto humano”, essa dupla de signos pode designar uma série de fatores que devem ter o mesmo sentido para os leitores. Nesse caso, a interpretação fica mais aberta, considerando-se também a mutabilidade desse significado.

Finalmente, a relação sintagma x paradigma é aplicada à estrutura de produção dos conteúdos do Caderno 2. A combinação dos signos conferindo sentido e realidade ao texto classifica-se como sintagma na concepção de Saussure, havendo a necessidade de combinar signos exatos para conferir credibilidade e veracidade à notícia. A linearidade de signos é interessante na prática da crítica para colocar no texto as sensações exatas obtidas com determinada manifestação artística e cultural. A relação paradigmática refere-se à associação de elementos similares na memória do leitor, formando conjuntos semânticos, ou seja, ao utilizar elementos relacionados à cultura, os textos em jornalismo cultural já predizem ao leitor o que estará naquele texto. No caso da crítica, o leitor já espera encontrar uma opinião pessoal sobre o gênero normalmente explicitado no título e lead.

A disposição dos elementos gráficos na formatação do Caderno 2 já permite ao leitor demarcar em que locais estarão os conteúdos de seus interesses. No caso das colunas e críticas, o gênero já está demarcado logo no início do texto, facilitando a seleção de conteúdo pelo leitor já habituado às associações paradigmáticas do jornal. Conforme podemos analisar na página abaixo, da edição de 05 de abril de 2012:

TV*

DO CINEMA PARA O SOFÁ

Fernando Meirelles fala ao
‘Estado’ sobre projetos para TV

Alline Daurioz

Um dos raros nomes do País que hoje viraram marca em Hollywood, o cineasta Fernando Meirelles – de *Cidade de Deus* e *Ensaio sobre a Cegueira* – pouco faz televisão, mas essa realidade tende a

mudar ainda este ano. Foram anunciados esta semana dois projetos para o grupo Fox que levam a assinatura dele como produtor executivo, para o segundo semestre e que tendem a se tornar frequentes, agora que a o2, produtora de Meirelles, organiza



Experiência. Meirelles já fez *Som & Fúria* e *Cidade dos Homens*

um banco de projetos para atender à demanda da Lei 12.485. Em processo de regulamentação, a lei prevê a criação de cota de programação nacional nos canais pagos e promete movimentar a indústria audiovisual do País. Ao *Estado*, Meirelles falou so-

bre os novos projetos na TV: a série de mistério *Contos de Edgar*, para o canal FX, com cinco episódios, baseada na obra de Edgar Allan Poe; e a série 360, que mistura jornalismo e reality show, para o NatGeo. Além do suspense, tema pouco

usual na nossa TV, outro inusitado em *Contos...* é a aposta na equipe jovem, a começar pelo diretor, Pedro Morelli, de 24 anos, e pelo roteirista Pedro Furtado, de 28. “A série será feita por uma garotada com menos de 30 anos. Muita gente estará estreando profissionalmente. Com a estrutura da O2, será possível suprir o que falta de experiência à turma, e o entusiasmo geral é a gasolina.”

Já 360 terá, a princípio, cinco episódios, que vão mostrar temas polêmicos a partir de diferentes olhares. “Vamos falar não do ponto de vista de um repórter, mas acompanhar a vida das pessoas envolvidas nas questões, com um pé no reality show”, explica. Entre os temas estão crack, produção de madeira sustentável e excesso de zelo do Ibama, indústria da soja, explosão de Altamira e consumo. Dirigida por Marcelo Machado (do longa *Tropicália*), a série

nada tem a ver com o filme 360, de Meirelles, que estreia em setembro. “Talvez esse título não seja mantido. Estamos usando pois a série vai abordar questões polêmicas por todos os ângulos. Pensamos em *Ponto de Vista*, mas isso tem cara de programa chapa-branca. Não?”

Sobre os novos formatos, o cineasta acredita que é na TV paga que os projetos mais ousados terão vez neste momento.

“A Globo costumava inovar em formatos, mas, hoje, a briga pela audiência está tão dura que nem eles andam arriscando e investem mais no que é mais garantido”, disse. “Talvez agora caiba às TVs pagas buscar estas brechas, experimentar. Fora do Brasil, as TVs a cabo estão dando um banho nas redes.” Vale lembrar que uma das ousadias da Globo atende pelo título de *Som & Fúria* (2010), série de Meirelles que só teve uma temporada.

Considerações finais:

A partir dessa aplicação prática do pensamento saussuriano, mais especificamente de suas dualidades no caderno de cultura de O Estado de São Paulo, o Caderno 2, espera-se demonstrar a eficiência da Semiologia na montagem de um jornal, na produção e manifestação jornalísticas e assim fomentar e embasar o ensino da Semiologia saussuriana nos cursos de Jornalismo.

Ficou evidente que a aplicação de conceitos semiológicos é primordial para a concepção de um texto jornalístico cultural, especificamente falando. A opção por analisar e segmentar a produção cultural foi conveniente pois permitiu o estudo de textos que além de informar, podem se valer da opinião pessoal enquanto gênero de texto. Outros estilos e gêneros jornalísticos também se valem desses conceitos, porém o jornalismo cultural permite maior autonomia e inovações textuais para a experimentação de conceitos como a fala, pouco utilizada no jornalismo.

As dualidades “diacronia x sincronia” e “sintagma x paradigma” são empregadas em toda produção jornalística, afinal a área de atuação da Comunicação Social não se estagnou com o passar dos anos, pelo contrário, criou cada vez mais vertentes e novas possibilidades de atuação, permitindo uma análise diacrônica bastante rica. Até mesmo um estudo sincrônico foi enriquecido, tendo em vista a variedade de empregos e relações entre os signos. Além da possibilidade de recortes em editorias especializadas, como é o caso do jornalismo cultural aqui trabalhado.

As associações sintagmáticas e paradigmáticas são empregadas essencialmente no projeto gráfico das publicações e na linha estrutural dos textos, que deve seguir



determinado padrão para caracterizar o jornal. A análise do Caderno 2 do Estadão possibilitou um estudo mais específico e direcionado resultando em conclusões e técnicas que poderão ser aplicados a cadernos e editorias mais amplos e abrangentes.

O Caderno 2 foi lançado em 06 de abril de 1986 e arquiva 26 anos de conteúdo. Essa abrangência de datas e temáticas históricas permitiu um estudo mais completo e contextualizado, fornecendo um panorama de aplicação das dualidades saussurianas através do tempo, por meio de sua evolução e modificações.

Essa análise permitiu verificar os níveis de aplicabilidade das dualidades saussurianas na prática do jornalismo, ultrapassando a barreira teórica e densa do ensino teórico em sala de aula. Dessa maneira fica “mais fácil” comprovar a relevância do ensino de Linguística ou Semiótica Francesa nos cursos de graduação em Comunicação Social, especialmente em jornalismo.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. 17ª edição. Tradução: Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

BERVIAN, Pedro A., CERVO, Amado L., DA SILVA, Roberto. *Metodologia Científica*. 6ª edição. São Paulo: Person Prentice Hall, 2007.

CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica*. 18ª edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

COURTÉS, J.; GREIMAS, A.J. *Dicionário de Semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. *Introdução à Lingüística*. São Paulo: Contexto, 2002.

GUIRAUD, Pierre. *A Semiologia*. Tradução: Filipe C. M. Silva. Lisboa: Presença, 1973.
PIZA, Daniel. *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Contexto, 2003.

<<http://gel.org.br/detalheResumo.php?trabalho=7527>> Acessado em 18/04/2012

<<http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>> Acessado em 18/04/2012

< http://w3.ufsm.br/revistalettras/artigos_r33/revista33_6.pdf>Acessado em 27/04/2012